



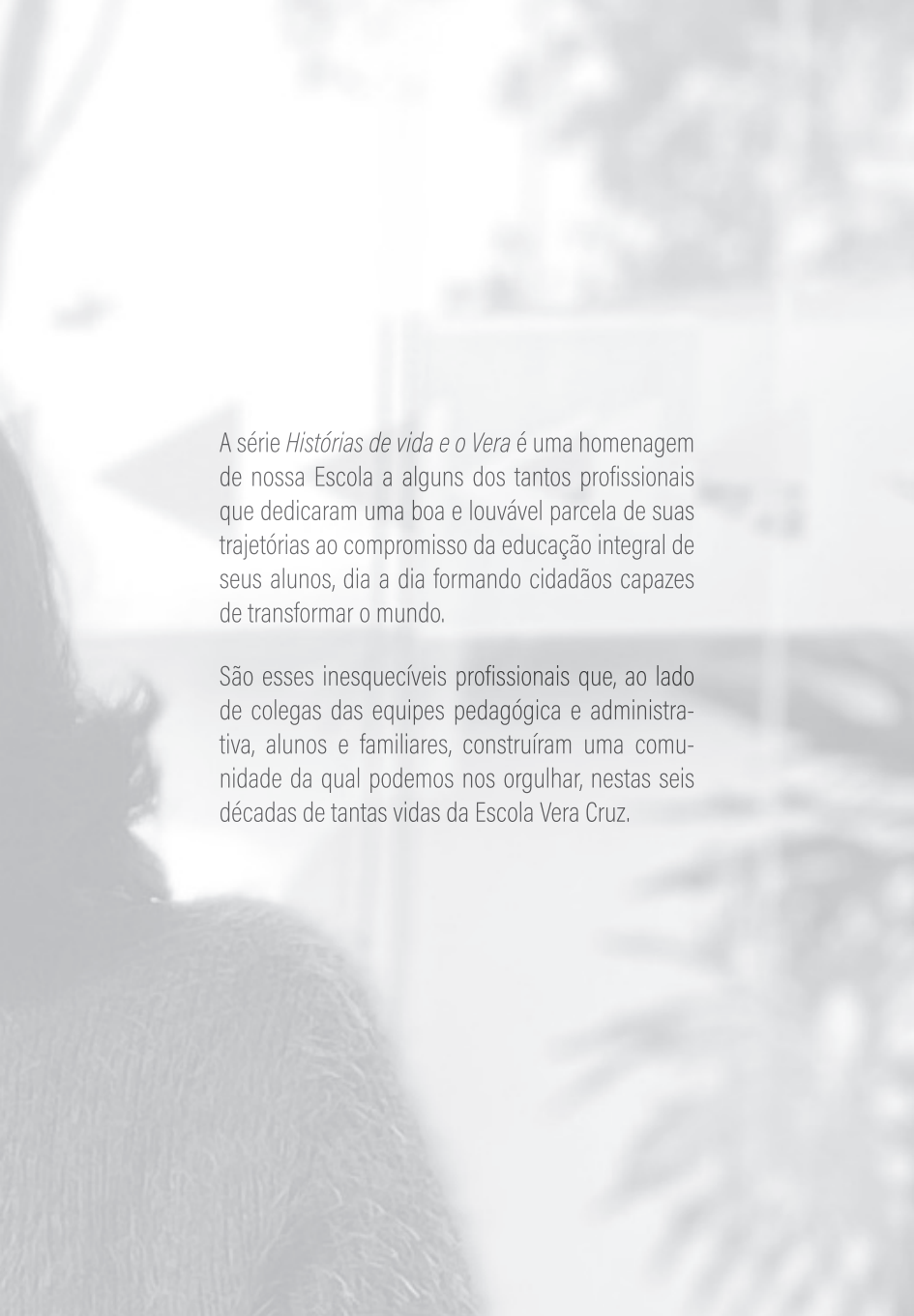
Histórias de vida e o Vera

A construção do sujeito como foco



Norma Suely Ribas Gonçalves Queiroz

Professora especialista, polivalente, 6º ano



A série *Histórias de vida e o Vera* é uma homenagem de nossa Escola a alguns dos tantos profissionais que dedicaram uma boa e louvável parcela de suas trajetórias ao compromisso da educação integral de seus alunos, dia a dia formando cidadãos capazes de transformar o mundo.

São esses inesquecíveis profissionais que, ao lado de colegas das equipes pedagógica e administrativa, alunos e familiares, construíram uma comunidade da qual podemos nos orgulhar, nestas seis décadas de tantas vidas da Escola Vera Cruz.

Escola Vera Cruz

Direção Geral: **Heitor Fecarotta**

Direção de Gestão: **Marcelo Chulam**

Direção Pedagógica: **Regina Scarpa**

Histórias de Vida e o Vera

Coordenação, entrevistas e edição de textos:

Claudia Cavalcanti (Casa Vera Cruz)

Projeto gráfico: **Kiki Millan** (Casa Vera Cruz)

Retrato da capa: **Claudia Cavalcanti**

Pesquisa de imagens/Arquivo Vera Cruz:

Priscila Pires (Comunicação)

Apoio: **Araceli de Carvalho** (Casa Vera Cruz) e **equipe de Recursos Humanos**



Coordenação da produção documental:

Suzana Lopes Salgado Ribeiro (Fala Escrita)

Transcritores: **Ana Claudia Moreira Rodrigues, Ana Júlia Paim, Antonio Ernani Wanderley Bueno de Godoy, Daniel Cimatti e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

Captação de vídeo:

André Nascimento e Carlos Eduardo dos Reis

Roteiro e edição de vídeos: **Fernando Brook, Iokisa Takau Junior e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

A captação em vídeo e áudio de todos os depoimentos foi feita na Escola Vera Cruz, em outubro de 2021.

Norma começou a trabalhar no Vera em 1982.
Ela se despede da Escola no final de 2021.

A construção do sujeito como foco

De volta ao começo

Passei mais da metade de minha vida no Vera. Quase 40 anos. Fiz Psicologia e já estava formada, com dois filhos pequenos, quando comecei a trabalhar no Vera em 1982. Juliana estava com 2 anos e Marcelo, com 1. Tinha consultório, mas também trabalhava com estudantes com dificuldades de aprendizagem. Dei aula para um neto da Eunice [Rossa, ex-orientadora e coordenadora], que trabalhava no Vera. Ela queria me indicar, porque os resultados com o neto tinham sido muito bons, ele tinha conseguido melhorar muito na escola. Então ela falou com Stella [Mercadante, ex-diretora], que me convidou para fazer um estágio.

Vim fazer o estágio, e fiz um relatório. Lembro que Stella me chamou para discutir os relatórios e que ela gostou muito da forma como encaminhei o relatório. E disse que, se houvesse uma vaga, ela me chamaria. Quando entrei no Vera para ser professora auxiliar, tive contato com a metodologia da Escola, totalmente diferente, que envolvia a construção do raciocínio do aluno, do pensamento dele. Isso me encantou de imediato, porque o desenvolvimento da inteligência, do raciocínio, sempre foi uma coisa que me interessou, desde a faculdade. Comecei um trabalho como professora auxiliar e, ao perceber

que havia alunos que tinham dificuldades específicas ou de organização do tempo, do material, ou de estudo de texto ou de Matemática, propus que a gente, na função de auxiliar nos TPs [Trabalhos Pessoais], nos momentos de trabalho individual, fizesse com esses alunos um trabalho diferenciado. Um trabalho mais específico, mais abrangente, relacionado a pequenos grupos que saíam em momentos de TP. Durante quatro anos fui auxiliar. Foi um tempo de bastante aprendizado, a gente tinha reuniões de formação de professores em cada área. E era sempre uma construção coletiva, a gente trazia nossas observações em sala de aula, os assessores nos ouviam. A partir daí, fazíamos reformulações necessárias. Nunca era, nunca foi, e nunca será o conteúdo pelo conteúdo. O foco era a construção desse sujeito aluno.

Era um trabalho muito fecundo, muito gostoso de ser feito e que dava bons resultados. Fiquei quatro anos como professor auxiliar. Depois virei professora polivalente de 6º e 7º ano, antigas 5ª e 6ª série. A gente, então, acompanhava os alunos durante dois anos, nesse período delicado da entrada da adolescência. Mas depois mudou e fiquei no 7º, pois gostava bastante de trabalhar com adolescentes um pouquinho mais velhos. Isso até o ano passado, quando então me convidaram para fazer parte do 6º ano e eu aceitei. Este ano finalizo, então, com o 6º ano. Comecei no 6º e vou finalizar minha jornada no Vera no 6º. Voltar para o 6º também foi uma experiência muito gostosa, muito boa.

Uma escola para todos

Como professora de sala, sempre vi que todos são casos de inclusão. Em que sentido? De que o professor deve favorecer, criar espaços de existência para todos, porque todos são diferentes em certa medida, e construir o lugar de aluno. Nessa perspectiva, sempre considerei o aluno com necessidades especiais um aluno com necessidades diferentes, mas isso não significava que ele precisasse ser tratado de um jeito que não o incluísse dentro da sala de aula. Todos esses alunos tinham dificuldades de aprendizagem, de leitura. Foi esse trabalho que a gente começou a formalizar mais com os professores auxiliares. Quando entrei, fiz essa proposta.

Stella trouxe a questão: "Nós vamos ter dois alunos com dificuldades e necessidades muito especiais. Como é que a gente vai considerá-los como pertencentes ao grupo de alunos?". Era uma questão de todos, não do professor, especificamente. Um aluno era aluno de todos. Nessa perspectiva, sempre trabalho com os alunos como potencialidades a serem desenvolvidas.

Tive alunos autistas, com síndrome de Down, com problemas emocionais mais sérios que precisavam ser cuidados. Mas acho que o que alinhava tudo é que a gente precisa vê-los como alunos, como pessoas, como sujeitos. Sempre busquei não deixar que o diagnóstico se antepusesse à nossa visão.

Nesse sentido, sempre foi um trabalho fecundo, porque eles tiveram espaço dentro da sala, sendo atendidos, muitas vezes, também fora da sala para necessidades específicas. Se é uma questão da leitura, da escrita, vai ter o momento do trabalho na Escola, mas também um trabalho de inserção no coletivo, em que ele vai participar dos grupos, contribuindo da forma que ele pode. Já tive vários alunos com síndrome de Down, mas todos eram muito diferentes. Então, existe um sujeito que precisa ser olhado, atendido, acolhido.

Tive alunos com algumas questões agressivas sérias, e que colocavam medo nos demais. Então, era preciso falar desse medo. Era preciso trabalhar essas questões e situar esse aluno dentro do contexto da sala de aula. Não eram situações fáceis, eram situações em que a gente precisava o tempo todo estar muito atenta, porque poderia acontecer alguma coisa que fugisse um pouco do contexto da sala de aula.

Mas uma grande questão, na inclusão, é o trabalho com o grupo. O grupo precisa ser muito trabalhado, e isso é um diferencial do meu trabalho. Trabalho muito o grupo, tenha ele alunos de inclusão ou não. Trabalho as questões da dinâmica do grupo, o envolvimento do grupo com as propostas. Então, cria-se um vínculo. O grupo precisa ter uma construção coletiva e real, a partir desses indivíduos. Sempre trabalhei o grupo e tentava

de alguma maneira fazer com que o próprio conteúdo, de certa forma, favorecesse esse entrosamento.

Me lembro do livro *Na profundidade do bosque*, de Amós Oz, que fala do excluído. Então, ao ler esse livro, que fazia parte da lista dos livros que eles liam, isso pôde ser trabalhado. De forma que aquele livro, a literatura, sempre foram muito importantes para tratar essas questões do diferente, da exclusão, do não se sentir aceito, do sentir-se estrangeiro diante das situações. A questão do sentir-se estrangeiro favorece essa ideia do pertencimento. A gente não pode minimizar a participação desse aluno na sala de aula. Acho que esta foi uma grande questão que me acompanhou durante esse trajeto como professora: favorecer, mesmo, a construção do grupo, fossem quais fossem os indivíduos que formavam esse grupo. Acho que a própria estrutura de aulas mais longas, de uma hora e meia, favoreceu, era possível trabalhar a proposta individualmente. Depois, essa proposta era discutida no grupo. E aí dava tempo também de a gente falar sobre eles, para que eles pensassem sobre como o grupo estava funcionando.

O conteúdo passa a ser um pretexto para toda a construção que se faz, a partir daquilo. A gente tinha essas aulas mais longas, muito favorecedoras, porque havia tempo para essa construção.

Um dia a dia sem igual

Tenho consultório e trabalho nessas duas instâncias, de maneira que uma ajudou a outra. Então, o que me encantou na educação do Vera foi essa possibilidade de lidar tanto com o indivíduo, na formação desse sujeito aprendente, quanto na formação do grupo.

Acho que a polivalência é extremamente favorecedora, justamente quando o aluno está num momento de crescimento para a adolescência, com todas as mudanças, com todas as perdas. Ter um professor que agregasse tudo isso, que não compartimentasse o conhecimento: mesmo que a gente tenha as quatro áreas, elas conversavam nas nossas aulas, porque a gente estava falando de Língua Portuguesa, mas você estava trabalhando também a História, as Ciências da Natureza, a Matemática.

A gente tinha reuniões semanais para falar dessa metodologia, não só do conteúdo, mas sobre como administrar esse conteúdo. É uma construção coletiva muito forte, em que se discutia o processo de conhecimento para o aluno. Então, o Vera é uma escola com essa perspectiva coletiva de discussão, de o professor ser autor. Ao mesmo tempo que tinha uma linha mestra que direcionava todo o trabalho, o professor era autor diante da sua sala, porque, quando você está em contato com o

pensamento do aluno em quatro áreas do conhecimento, você consegue perceber como isso se dá, como esse conhecimento está se estruturando, e de que maneira.

Isso foi muito importante para que eu optasse por, de certa forma, ficar tanto tempo, porque é algo vivo! Dinâmico! Cada ano diferente. Embora eu tenha ficado muito tempo no 7º ano, eu não me lembro de uma aula ter sido igual à outra, porque essa possibilidade de enxergar o grupo era um desafio novo na formulação de novas estratégias. Dentro disso, nós tínhamos os assessores de cada área, e, num determinado momento, professores coordenadores, que tinham que pensar nessa programação bimestral, ou trimestral. E isso era discutido no grupo. A partir disso, também a gente formulava o material didático com o assessor.

Agora, estamos vivendo uma reformulação de currículo. Em 2015, fui chamada para fazer o material de Língua Portuguesa no 7º ano com os gêneros: contos, poesia e memória. Ou seja, a gente começou a trabalhar com os gêneros na Língua Portuguesa, cada professor na sua série. Alguns foram chamados para produzir esse material. E esse material pode ser reformulado? Sim! A gente percebe se o grupo está funcionando, se precisa ser modificado, e qual é essa modificação. Quando eu entrei, quem fazia o material eram os professores que estavam em sala de aula. Depois, isso foi se modificando.

Então, tinha um assessor que não dava mais aulas, mas que estava em contato constante com os professores responsáveis por aquela área.

Então se produzia o material. Porque o Vera não tem essa coisa do livro didático no Fundamental, segundo uma percepção, também, que envolve a autoria do aluno na construção desse material. São atividades dadas em momentos de tempo e de aulas coletivas. Por isso também a importância da organização desse material, que, em si, é uma construção do aluno.

Uma coisa muito importante que sempre achei estruturante no trabalho do nível 3 são os momentos de TP e de aulas coletivas. O TP não era um momento só de se fazer uma atividade, mas propiciava ao aluno a construção quase que subjetiva de um tempo, um espaço. Ele aprende a se organizar, primeiro, concretamente: sua pasta, com seu diário ou agenda. A partir das tarefas da semana, ele tinha que construir o seu planejamento semanal. Ele tinha que conversar consigo mesmo para construir isso. Eram procedimentos que estruturavam o aluno diante do seu fazer, dentro da sua atividade de estudante e de atendente. E depois ele se inscreve para o atendimento, e é aí que está a beleza da polivalência! Porque o professor polivalente acompanha esse raciocínio do aluno e esse processo de aquisição do conhecimento. Não era um atendimento da dúvida pontual, mas de como ele estuda e como ele acessa esse

conhecimento. Esse é o momento de estruturação muito grande. Sempre achei o TP um diferencial, não uma tutela excessiva, porque ao mesmo tempo que você acolhe a dificuldade, você trabalha com uma questão e vai atrás da resolução desse problema. É algo além da própria aquisição do conteúdo em si. Por isso que a gente sempre fala: o Vera não é conteudista, parece que não dá bola para o conteúdo. Não é isso. É que o conteúdo também é um meio para se chegar na estruturação desse ser.

É preciso também poder lidar com todas as questões que surgem, porque às vezes o aluno vem ao seu atendimento falando de outras coisas, e não especificamente do conteúdo. Ele está ansioso porque aconteceu alguma coisa, e aí você tem que trabalhar essas questões sob o ponto de vista da sala de aula e oferecer uma condição para que ele supere aquilo, para que ele possa entender que o lugar dele, naquele momento, está preservado, está garantido.

O futuro em casa

Em 83 nasceu Paola, minha terceira filha. Foi um momento que eu não estava esperando [risos] e a Paola veio. Os três estudaram no Vera. Juliana estudou até o 8º, não tinha Ensino Médio. Mas Marcelo e Paola estudaram no colegial também. Todos diferentes, e embora um deles não tenha sido um excelente aluno, essa questão em relação ao vínculo com o conhecimento,

a possibilidade de aprender, a curiosidade, se manteve. Mesmo não sendo aquele aluno que gostava de estudar ou que dizia que gostava, algo que eu sinto que a escolaridade do Vera propiciou foi essa curiosidade diante do conhecimento ou a possibilidade de resolver situações-problema. Isso foi uma coisa que eu observei nos meus filhos também.

Tenho duas netas que estão aqui. Manuela, mais velha das netas, vai pro 6^o e é uma leitora ávida! Lê, lê, lê... Acredito que isso tenha a ver com o Vera. Não que seja uma regra, mas eu acho que a maneira como a criança é aproximada da leitura, valorizando os gostos, percebendo a dificuldade — pois não é fácil entrar nesse mundo da leitura, não é —, acho que ajuda muito.

Eu estava num curso e, antes de começar, ouvi uma conversa. E aí as pessoas falavam: "Não sei o que fazer com meu filho, que não quer saber de ler". Aí, uma senhora mais velha: "Nossa, meus netos gostam tanto de ler!". "Mas como? Porque não dá para entender que uma adolescente goste tanto de leitura." E ela falou: "Ah, mas a escola faz um trabalho magnífico, porque tenho outro neto que não gosta de ler. Ela se aproxima do aluno. Tem o momento da biblioteca, em que eles podem conversar sobre as dificuldades, inclusive, de leitura". Aí, me interessei pela conversa, fiquei ouvindo. Então a mãe, que estava preocupada, perguntou que escola era essa. Então veio: o Vera Cruz! Aí, eu falei: "Ai, gente, que bom ouvir isso de alguém de fora".

Eu estava aqui dentro, sabendo das propostas, dessa atenção. Lembro que a gente oferecia um título dos clássicos, por exemplo, e alguns gostavam e muitos não. E se a gente oferecesse uma lista para o aluno escolher? Porque, a partir do momento em que ele escolhe, mesmo que seja dentro de um gênero, essa escolha envolve vínculo. Acho que foi uma boa saída. Quando a gente introduziu as listas, elas favoreceram isso, esse vínculo.

A importância do corpo a corpo

Foi um desafio imenso. Primeiro, para conseguir trabalhar com toda a tecnologia. Mas isso não foi tão difícil. Acho que a partir do momento em que você se vê dentro do desafio, você vai atrás. No começo foi bastante difícil, bastante assustador, porque o professor tem no seu cerne essa questão do encontro, do contato, do olho no olho. Nesse primeiro momento, não estar ali presente, alguns abrindo a tela, outros não. Não é do nosso feitio ficar obrigando, mas tentar construir a possibilidade de que abrissem, se sentissem à vontade para isso, porque a gente tinha a noção de que aquela sala de aula virtual adentrava a casa deles. Trabalhar essas questões do que é público do que é privado, tudo se misturou! Casa, escola, família... Foi um momento bastante difícil, mas acho que

a gente encontrou maneiras de se aproximar, de falar dessas questões, de falar do difícil.

Mas a gente volta para a sala de aula, como foi no começo deste ano. Felizmente, o primeiro dia do 6º ano foi aqui. Então, a gente pôde se conhecer, se olhar e se apresentar. E aí a gente foi algumas vezes para o online, e quando a gente volta agora, a gente percebe claramente a defasagem, o quanto essa corporificação é importante, porque há, sim, defasagem de conteúdo, porque você não está vendo o olhar de interrogação, você não está vendo a dispersão, natural em muitos nessa fase. Estar em grupo significa ter regras de convivência, jeitos de falar, maneiras de se aproximar do outro. Coisas que foram, de certa forma, perdidas. Então, a gente volta com esse imenso desafio de construir, de novo, esse coletivo. Desde regras de saída, porque eles se acostumaram a estar na tela. Até falavam: vou ao banheiro ou vou tomar uma água. Eles se preocupavam com isso. No entanto, era possível sair, porque era ele com ele mesmo, ali no quarto ou na mesa da cozinha. E o que aconteceu agora, na volta? [O aluno] levanta e sai, no meio da aula! Levanta e sai. Então, você tem que construir de novo o coletivo, que se perdeu. É um novo aprendizado. E considerando o 6º ano, é um momento de passagem. E eles ficaram muito tempo longe! Então, tudo isso não foi trabalhado. Não diria nem que não foi trabalhado, não foi vivido!

A gente acredita que aquela aula deu certo, porque dois ou três falavam, e eu achava que tinha atingido. Mas aí você vê que não! Que aqueles que têm mais dificuldade de concentração, que são dispersivos em sala de aula, você consegue imaginar o quanto se dispersaram nesses momentos em que não tinha a figura do professor ali, pra dizer: "Olha, você está se dispersando. Volta!". Ou às vezes você está dando uma aula, e você olha, e percebe que ele não entendeu. "Você entendeu?", "Ah, mais ou menos..." . Aí você retoma.

E na tela? Acho que esse tempo serviu pra gente perceber o quanto é importante a presença, o encontro, o olho no olho. Acho que isso nunca ficou tão claro como nesse tempo que a gente viveu. Foi desafiante! Mas eu acho que trouxe muito aprendizado, no sentido de observar o quanto a educação se faz mesmo ali, no trato, na presença corporificada do outro, porque a presença virtual não garante.

Pular corda e saltar pra vida

Acho que faz parte do crescimento e desenvolvimento a gente se preparar para os desafios. Eu sou uma pessoa que sempre se desafia e se lança. Ser educador é estar diante do desafio constante, diante do grupo, diante do indivíduo. Agora, por exemplo, a gente está vivendo novos desafios, essa fragilidade

emocional que está acompanhando os nossos alunos. Você tem situações de alunos com muitas questões emocionais pulando na sala de aula. Ansiedades, pânico. Você tem que lidar com tudo isso. É aí que se faz a construção desse aluno, e garantir que esse é o lugar dele, de construção, para que ele se acalme, para que ele perceba que tem um lugar. Fiz isso com uma aluna: "Sua presença é muito importante na sala, suas colocações são fundamentais para que o grupo pense". Ela tem um jeito de olhar para o mundo, para a vida, diferente. E que no momento presencial vinha de um jeito gostoso; mas, agora, como ela ficou confinada... Ela se assusta com tudo isso, ela não pode compartilhar essas coisas. Quando eu digo que ela é importante, ela é uma presença importante, com as colocações que fazem as reflexões do grupo serem melhores e mais maduras. E aí ela está conseguindo ficar, embora ela tenha esses momentos de crise de ansiedade.

Então, esses desafios me movem. Mas, sim! Eu estou preparada para sair. Dói um pouco, porque estar no grupo para mim é fundamental. Um dia eles estavam na aula de Biblioteca, ali, sentados. Eu olhei por um momento, eu olhei eles todos assim, sentados. E lembrei que eu não vou estar no ano que vem, nesse momento do grupo. Claro que dói! São 40 anos entrando por esse portão e fazendo um trabalho que é muito bonito! Muito lindo!

A psicologia e a psicanálise me ajudaram muito a ter essa escuta, a perceber o que o grupo precisa, o que o aluno precisa. E a trabalhar essas questões de forma a favorecer o aprendizado, porque nunca fui psicóloga em sala de aula, mas os conhecimentos tornaram minha escuta mais diferenciada. Isso, sem dúvida! Acho que houve uma convergência de conhecimentos que me ajudaram muito nessa trajetória. Claro que é difícil sair depois de tanto tempo, mas por outro lado eu também tenho o trabalho com adolescentes, já tenho consultório. Não me vejo sem trabalhar, porque sou ávida por conhecimento, por ir atrás. Agora, vou sentir falta? Eu vou! Com certeza, mas eu sei que é o meu momento. Teria mais fôlego? Sim! Sem dúvida!

No ano passado, eu estava pulando corda com os meus alunos. A gente veio aqui e teve muita atividade física. Estava pulando corda e brincando de foguinho. E eu pulei melhor que eles [risos]. A gente aprendia a pular corda! Falei que só ia sair do Vera quando eu não conseguir mais pular foguinho. Eu consigo pular foguinho ainda, mas a hora chegou.

Acho que não é a mesma coisa todos os anos, não é! Já me perguntaram: "Como você aguentou ficar fazendo a mesma coisa?". Não é a mesma coisa. Por isso que a vida se faz e refaz, se constrói, se modifica. Sentirei saudades? Claro! Porque é uma coisa que eu fiz com muito amor, muita dedicação.

Uma ex-aluna que trabalha com alunos com dificuldade me ligou perguntando se eu podia atender um aluno de outra escola que tem problemas com escrita: "Norma, você me ensinou a ler, me ensinou a pegar um texto e extrair do texto o que ele tem". Eu fazia esse trabalho de estudo de texto e ela foi uma dessas, desses alunos que saíram do TP para fazer esse trabalho complementar. "Eu me senti mal, porque a dificuldade estava posta. Mas depois vi o quanto eu aprendi." E hoje ela trabalha com isso. "Você me ensinou!" Ouvir esse depoimento daquela que você conseguiu ajudar foi muito gratificante. Muito bom.

Depoimento concedido em 20 de outubro de 2021, na Escola Vera Cruz

Uma realização da Escola Vera Cruz | 2021

